

# VOOS SOBRE O PATRIMÔNIO CULTURAL DE IJUÍ: EDUCAÇÃO PATRIMONIAL E ENSINO DE HISTÓRIA LOCAL

*FLIGHTS OVER THE CULTURAL HERITAGE OF IJUÍ:  
HERITAGE EDUCATION AND TEACHING LOCAL HISTORY*

**Francieli Daliani Bandeira Bertollo<sup>1</sup>**

Rede Municipal de Ensino de Ijuí, RS, Brasil

**Resumo:** A Educação Patrimonial constitui uma importante estratégia para o desenvolvimento da consciência histórica e para a promoção de aprendizagens significativas no ensino de História. Nesse sentido, o presente artigo apresenta e discute a cartilha didática Voos sobre o Patrimônio Cultural de Ijuí, elaborada com o objetivo de aproximar os estudantes da História Local por meio da análise de bens culturais materiais e imateriais do município de Ijuí/RS. A cartilha, estruturada em narrativas, ilustrações e atividades pedagógicas, articula teoria e prática, incentivando a investigação, a reflexão crítica e a valorização da diversidade cultural. A proposta problematiza silenciamentos e disputas sobre o passado, evidenciando que as narrativas históricas são construções sociais atravessadas por escolhas, interesses e relações de poder. A cartilha contempla patrimônios como a antiga Estação Ferroviária, o Monumento O Pioneiro e o Museu Antropológico Diretor Pestana, possibilitando o estudo de diferentes temporalidades, trajetórias e sujeitos sociais, incluindo povos indígenas, africanos e seus descendentes, luso-brasileiros e colonos. Ao valorizar os territórios escolar e urbano como espaços de pesquisa, interpretação e produção de sentidos, o recurso favorece o engajamento, o pertencimento e o protagonismo estudantil. Além disso, sua abordagem interdisciplinar amplia as possibilidades de ensino-aprendizagem e reforça o potencial da Educação Patrimonial como estratégia para a formação de sujeitos críticos, conscientes de sua identidade e capazes de compreender historicamente a realidade em que vivem.

1 Licenciada em Geografia (2010) e em Educação do Campo (2021) pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Mestre em Ensino de História pela mesma instituição (2025). Atua como professora de História e Geografia na rede municipal de Ijuí (RS). E-mail: francieli.bo@prof.smed.ijui.rs.gov.br.

**Palavras-chave:** Educação Patrimonial; Ensino de História; História Local; Consciência Histórica; Ijuí/RS.

**Abstract:** Heritage Education constitutes an important strategy for the development of historical consciousness and the promotion of meaningful learning in History teaching. From this perspective, this article presents and discusses the educational booklet *Flights over the Cultural Heritage of Ijuí*, developed with the aim of connecting students to Local History through the analysis of tangible and intangible cultural heritage in the municipality of Ijuí, Rio Grande do Sul, Brazil. Structured around narratives, illustrations, and educational activities, the booklet integrates theory and practice, encouraging investigation, critical reflection, and the appreciation of cultural diversity. The proposal problematizes silences and disputes surrounding the past, highlighting that historical narratives are social constructions shaped by choices, interests, and power relations. The booklet addresses heritage sites such as the former Railway Station, the O Pioneiro Monument, and the Museu Antropológico Diretor Pestana, enabling the study of different temporalities, trajectories, and social groups, including Indigenous peoples, Africans and their descendants, caboclos, Luso-Brazilians, and settlers. By valuing school and urban spaces as environments for research, interpretation, and meaning-making, the resource fosters student engagement, a sense of belonging, and active participation. Furthermore, its interdisciplinary approach broadens teaching and learning possibilities and reinforces the potential of Heritage Education as a strategy for fostering critical and reflective individuals who are aware of their identities and capable of critically understanding the historical dimensions of the reality in which they live.

**Keywords:** Heritage Education; History Teaching; Local History; Historical Consciousness; Ijuí/RS.

## Introdução

A educação desempenha papel central na formação de sujeitos críticos, conscientes de sua identidade e capazes de interagir de maneira reflexiva na sociedade. Nesse sentido, diferentes abordagens pedagógicas buscam articular teoria e prática, promovendo aprendizagens significativas e fortalecendo a consciência social, cultural e histórica

dos estudantes, como é o caso da educação para o reconhecimento do patrimônio cultural de uma cidade.

Entre essas abordagens, a Educação Patrimonial destaca-se como um campo educativo que conecta o ensino às experiências concretas dos estudantes, permitindo que eles reconheçam e valorizem os bens culturais, compreendam sua historicidade e reflitam sobre as múltiplas dimensões que constituem o passado coletivo.

Desde a década de 1980, a Educação Patrimonial vem se consolidando no Brasil por meio de políticas públicas e programas educativos voltados à valorização da história e da diversidade cultural. No ambiente escolar, ela pode ser vivenciada em atividades contextualizadas, como visitas a museus, levantamento de relatos orais e análise de fontes históricas. Tais práticas favorecem uma aprendizagem significativa, colaborativa e situada, aproximando os conteúdos escolares das vivências cotidianas dos estudantes.

A Educação Patrimonial constitui um campo pedagógico voltado à formação de sujeitos conscientes dos sentidos e valores atribuídos aos bens culturais da sociedade. Mais do que valorizar e preservar, esse campo propõe a problematização crítica, a apropriação simbólica e a ressignificação dos referenciais que estruturam a identidade coletiva, por meio de ações educativas que articulam passado, presente e futuro. Esses bens podem ser de natureza material, como monumentos, edificações, artefatos arqueológicos, obras de arte, ou imaterial, como saberes, tradições, rituais, idiomas e manifestações culturais.

De acordo com Horta et al. (1999), a Educação Patrimonial compreende:

[...] qualquer evidência material ou manifestação da cultura, seja um objeto ou conjunto de bens, um monumento ou um sítio histórico ou arqueológico, uma paisagem natural, um parque ou uma área de proteção ambiental, um centro histórico urbano ou uma comunidade da área rural, uma manifestação popular de caráter folclórico ou ritual, um processo de produção industrial ou artesanal, tecnologias e saberes populares, e qualquer outra expressão resultante da relação entre os indivíduos e seu meio ambiente. (HORTA et al., 1999, p. 6).

Ao articular passado, presente e futuro, a Educação Patrimonial desempenha papel central na formação da consciência histórica dos estudantes. Segundo Rüsen (2010), essa consciência constitui-se nas operações mentais pelas quais os indivíduos interpretam sua experiência

temporal de si mesmos e do mundo, conectando diferentes temporalidades de modo a orientar intencionalmente a vida prática. Trata-se de uma capacidade humana presente na vida cotidiana, anterior à própria ciência histórica, mas que pode e deve ser desenvolvida e qualificada pelo ensino de História.

A ausência de uma consciência histórica mais elaborada manifesta-se frequentemente em questionamentos recorrentes em sala de aula, como “e para que serve estudar História?” ou “por que isso é importante?”. Tais perguntas revelam o ponto de partida do trabalho docente: criar condições para que os alunos reconheçam a importância da história em suas vidas, compreendam os processos que estruturam a sociedade e desenvolvam interpretações críticas sobre si, sobre o outro e sobre o meio em que vivem. A Educação Patrimonial, ao mobilizar o território, os símbolos culturais e os saberes e experiências coletivas como mediadores, potencializa esse processo formativo, favorecendo o engajamento, o pertencimento e o protagonismo estudantil.

O uso crítico do patrimônio cultural contribui para que os alunos compreendam o presente à luz do passado e projetem perspectivas de futuro, ampliando sua capacidade de interpretar a realidade de forma contextualizada. O pensamento histórico, como destaca Rüsen (2010), manifesta-se também nas experiências práticas e existenciais, quando o estudante reconhece a historicidade das relações sociais e dos bens culturais que o cercam.

Ao conectar o passado às experiências presentes por meio da Educação Patrimonial, o professor promove uma aprendizagem significativa e participativa, pois as práticas pedagógicas que ela permite promover contribuem, sobretudo, para a criação de novas formas de produção do conhecimento histórico, sem se limitar à preservação dos bens culturais. Trata-se de um processo contínuo de recriação cultural que alimenta a memória coletiva e favorece a permanência simbólica dos sujeitos nos territórios que habitam.

Esse campo educativo está intrinsecamente associado à valorização da diversidade cultural e à construção de identidades. Conforme o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN, 2011), o patrimônio cultural é uma construção social, resultante da seleção de elementos significativos por determinados grupos. Por essa razão, ele é atravessado por disputas sobre o passado, exclusões simbólicas e silenciamentos históricos. Compreender essa dimensão crítica é fundamental para que a Educação

Patrimonial não se reduza à exaltação acrítica de heranças legitimadas por elites dominantes.

Neste sentido, Machado e Monteiro (2010) enfatizam que o processo de patrimonialização é um ato político, pois envolve a escolha de elementos específicos para representar a identidade de um grupo em detrimento de outros. As experiências históricas compartilhadas conectam temporalidades e sustentam a formação de pertencimento. Ao incorporar diferentes trajetórias e vivências, esse processo permite reconhecer sujeitos historicamente marginalizados e valorizar suas histórias.

Entretanto, a inserção da Educação Patrimonial nas escolas públicas brasileiras ainda enfrenta desafios, como a escassez de instrumentos didáticos contextualizados, a ausência de formação docente específica e a fragilidade das políticas de continuidade. Muitas vezes, prevalece uma visão tradicional do ensino de História, centrada em eventos distantes da realidade dos alunos e dissociada do patrimônio local.

Do ponto de vista normativo, a Educação Patrimonial encontra respaldo nas Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental e nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), que reconhecem a diversidade cultural como valor estruturante da formação escolar. Nos PCNs de História, enfatiza-se a importância de desenvolver conteúdos que dialoguem com o cotidiano dos estudantes, as experiências históricas compartilhadas e os bens culturais. Contudo, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC, BRASIL, 2018), embora destaque a formação de sujeitos críticos e conscientes de sua identidade cultural, apresenta lacunas na abordagem sistemática do patrimônio cultural nos Anos Finais do Ensino Fundamental. Embora contemplado nos Anos Iniciais e em Artes nos Anos Finais, o patrimônio cultural local é inexistente no componente curricular de História, o que contribui para sua exploração limitada nessa etapa escolar.

Considerando essa perspectiva, o presente artigo tem como objetivo apresentar e discutir a cartilha didática Voos sobre o Patrimônio Cultural de Ijuí, analisando suas potencialidades como recurso de Educação Patrimonial e para o ensino de História Local nos Anos Finais do Ensino Fundamental.

## **Voos sobre o Patrimônio Cultural de Ijuí: uma proposta para o ensino de História Local**

Nesse contexto, a produção de ferramentas pedagógicas contextualizadas configura-se como estratégia viável e necessária para aproximar os estudantes de sua história e do patrimônio cultural de sua comunidade. A cartilha didática Voos sobre o Patrimônio Cultural de Ijuí surge como resposta a essa necessidade. Este instrumento pedagógico integra conteúdos históricos, atividades e linguagem acessível, incentivando a investigação, o pensamento crítico e a valorização das memórias familiares e comunitárias.

O produto pedagógico proporciona aos professores um recurso acessível, contextualizado e sensível às especificidades do território e da comunidade escolar. Sua proposta dialoga com os princípios da Educação Patrimonial, conforme Horta et al. (1999) e IPHAN (2011), ao incentivar uma relação ativa com os bens culturais e reflexão crítica sobre os processos identitários e de pertencimento. A articulação entre teoria e prática, espaço escolar e urbano, saber histórico e perspectivas históricas diversas enriquece a experiência de ensino-aprendizagem e amplia as possibilidades pedagógicas.

A elaboração deste instrumento educativo seguiu etapas articuladas entre levantamento historiográfico e documental da história de Ijuí; seleção de patrimônios representativos de diferentes temporalidades e sujeitos sociais; definição de narrativa educativa mediada por Mandu; criação de recursos visuais; e elaboração de propostas de atividades alinhadas aos referenciais curriculares. Mais do que apresentar conteúdos históricos, a cartilha busca promover a consciência histórica crítica, problematizar silenciamentos, reconhecer ausências e valorizar a pluralidade de sujeitos que compõem a história coletiva da cidade.

Embora direcionado ao 6º ano do Ensino Fundamental, o guia também pode ser utilizado em turmas dos Anos Iniciais. Sua estrutura organiza-se a partir de três patrimônios culturais de Ijuí/RS: a antiga Estação Ferroviária, o Monumento O Pioneiro e o Museu Antropológico Diretor Pestana. Cada espaço foi escolhido por seu valor simbólico e educativo, permitindo abordar diferentes aspectos da história local.

O município de Ijuí, localizado no noroeste do Rio Grande do Sul, apresenta uma formação social marcada pela diversidade étnica e cultural, resultado da confluência de povos indígenas, africanos e seus descendentes,

luso-brasileiros e imigrantes europeus. Contudo, a narrativa histórica local tende a centralizar-se na colonização europeia, invisibilizando outras experiências e trajetórias que também contribuíram para a construção da identidade regional. Essa lacuna evidencia a necessidade de estratégias pedagógicas que aproximem os estudantes do patrimônio cultural, promovendo uma reflexão crítica sobre pertencimento, identidade e diversidade.

Os patrimônios abordados na cartilha são trabalhados não como símbolos cristalizados ou incontestáveis, mas como espaços de memória em disputa, atravessados por silenciamentos e ausências. A proposta pedagógica estimula a reflexão crítica sobre essas marcas do passado e incentiva novas interpretações acerca do patrimônio e da História Local.

As narrativas sobre o passado não são neutras, mas construídas a partir de disputas e escolhas, muitas vezes excludentes. Ao propor um trabalho pedagógico com a História Local e o patrimônio cultural de Ijuí, a cartilha busca problematizar essas seleções, valorizando trajetórias históricas marginalizadas, como as dos povos indígenas e dos caboclos, reconhecendo que, como afirmam Machado e Monteiro (2010, p. 26), “é através da memória que o indivíduo reúne os fragmentos do passado, mobiliza este passado e atribui um valor a ele, um sentido”.

Essa dimensão individual se entrelaça com o coletivo, marcado por lembranças e esquecimentos que moldam narrativas identitárias, atravessadas por interesses políticos, culturais e ideológicos. A seleção do que se lembra e do que se esquece evidencia disputas de poder e de representação social, especialmente em contextos de formação territorial, reforçando a importância de mediações pedagógicas que promovam reflexão crítica sobre essas dinâmicas.

Reconhecer silenciamentos e disputas sobre o passado é fundamental para a formação da consciência histórica. Ao evidenciar que as narrativas sobre o patrimônio não são neutras, mas resultado de escolhas que privilegiam determinadas versões da história, o ensino de História e a Educação Patrimonial possibilitam que o estudante perceba que também pode atuar ativamente nesse campo de disputas.

Ao integrar patrimônio cultural e História Local, o ensino de História torna-se mais significativo, pois cria oportunidades para conectar os alunos à sua realidade social e histórica. Isso depende de mediações pedagógicas intencionais, processos reflexivos e da problematização constante das recordações e narrativas que circulam no território. É nesse processo que se

forma e se qualifica a consciência histórica, permitindo que os estudantes se reconheçam como sujeitos históricos capazes de compreender, questionar e intervir na construção crítica do legado histórico coletivo.

Para operacionalizar essas reflexões, a narrativa na cartilha é conduzida pela personagem Mandu, que convida os leitores a explorar a cidade conhecendo bens culturais e refletindo sobre os sentidos atribuídos ao patrimônio histórico compartilhado. Mandu é uma abelhinha nativa da espécie mandaçaia, criada como personagem mediadora e símbolo da coletividade, do trabalho e da conexão entre cultura e natureza. Sua presença busca aproximar os estudantes da temática patrimonial de forma lúdica e afetiva, tornando o aprendizado mais envolvente e significativo.

A parte inicial da cartilha apresenta a história dos patrimônios culturais do município, narrada por Mandu, que compartilha com os leitores os aprendizados adquiridos com as abelhas mais experientes da colmeia. Ilustrações, seções de curiosidades, fotografias e atividades complementam o material, favorecendo a aprendizagem ativa e o engajamento.

A metáfora da colmeia reforça a importância de valorizar os saberes dos mais velhos e as recordações familiares e comunitárias, aproximando o conteúdo histórico da realidade dos estudantes. Mandu também simboliza a relação entre cultura e natureza, lembrando que o patrimônio cultural está inserido em um contexto ambiental e social mais amplo.

Para tornar a aprendizagem mais dinâmica e estruturada, a cartilha divide-se em seções complementares: “Curiosidades”: apresenta informações adicionais sobre os temas abordados, tornando o aprendizado mais significativo; “História em imagens: Retratos de Ijuí”: apresenta fotografias históricas do acervo do Museu Antropológico Diretor Pestana, estimulando a alfabetização visual, análise crítica e reflexão sobre representações do passado; “História em palavras: Abelhário”: glossário de termos relacionados ao patrimônio e à História Local, ampliando o vocabulário e promovendo leitura crítica; “Hora do voo: coloque em prática o que aprendeu”: atividades investigativas e criativas que incentivam a aplicação dos aprendizados dentro e fora da sala de aula, reforçando a relação dos estudantes com os espaços e memórias da cidade.

A seção “Curiosidades” tem o intuito de tornar a aprendizagem mais significativa e envolvente. O material inclui, ao longo da história, pequenas curiosidades relacionadas aos temas abordados. Cada curiosidade histórica ou cultural oferece informações adicionais, enriquecendo a compreensão

dos conteúdos e ampliando as possibilidades de conexão entre o estudante e a história local.

A seção “História em imagens: Retratos de Ijuí” aproxima os estudantes das fontes visuais. A partir da análise de fotografias do acervo do Museu Antropológico Diretor Pestana, os alunos exploram aspectos da formação do município, desenvolvendo habilidades de observação, interpretação e reflexão crítica sobre as representações do passado. As imagens selecionadas retratam diferentes momentos e práticas sociais diversas, como a presença indígena e cabocla, a mata nativa, as primeiras moradias, a extração da erva-mate, antigos meios de transporte, construção da linha férrea e técnicas agrícolas tradicionais. Elas são tratadas não apenas como ilustrações, mas como fontes históricas capazes de revelar continuidades, mudanças e silenciamentos, contribuindo para desnaturalizar versões únicas da memória coletiva.

O glossário “História em palavras: Abelhário” auxilia na fixação de conceitos por meio de uma abordagem lúdica e reflexiva do vocabulário histórico, incentivando também a autonomia na interpretação dos conteúdos.

A seção “Hora do voo: coloque em prática o que aprendeu” contém 21 propostas de atividades que desenvolvem o pensamento histórico, análise das representações do passado no espaço urbano e o protagonismo estudantil. Mais do que transmitir uma visão única sobre a história do município, as atividades estimulam a resignificação e o questionamento, debatendo usos sociais do patrimônio e escolhas que determinam o que é lembrado ou esquecido.

As propostas pedagógicas promovem escuta, observação, reflexão e registro, contribuindo para competências históricas e cidadãs em consonância com a BNCC. Com caráter investigativo e colaborativo, elas incentivam o reconhecimento do espaço vivido, a valorização das tradições familiares e comunitárias, e a produção de registros escritos e visuais. O território escolar se torna, assim, um campo de pesquisa e interpretação histórica, favorecendo o engajamento e valorização da cultura local.

O ensino de História mediado por este material ultrapassa a transmissão de informações, estimulando análise crítica dos processos de formação do município, da pluralidade de agentes sociais e silenciamentos presentes nas narrativas oficiais. Ao abordar a presença indígena, cabocla, luso-brasileira e de diversos grupos de colonos, buscou-se construir uma visão ampla da trajetória de Ijuí, marcada tanto por cooperação quanto

por conflitos. Evidencia-se que o trabalho com os bens culturais permite compreender o patrimônio como testemunhos vivos em disputas, transformações e exclusões, evidenciando sua natureza social e histórica, sujeita a revisões e ressignificações.

Para além da disciplina de História, o recurso educativo dialoga com diferentes componentes curriculares: a análise de fotografias históricas integra-se à alfabetização visual em Arte; Mandu articula-se com conteúdos de Ciências sobre biodiversidade e ecologia; a leitura espacial de monumentos e do museu aproxima-se das competências de Geografia. Essa interdisciplinaridade transcende a lógica compartimentada do currículo, alinhando-se às diretrizes da BNCC e contribuindo para a formação integral dos estudantes.

A dimensão propositiva do guia manifesta-se na capacidade de estimular o estudante a transformar a compreensão histórica e patrimonial em atitudes reflexivas e criativas diante da realidade local. Mandu convida os alunos a reinterpretarem o patrimônio cultural de Ijuí, relacionando-o às suas próprias experiências, memórias e modos de ver o mundo. Essa dimensão ultrapassa o reconhecimento dos bens culturais, propondo o aluno como sujeito ativo na produção de sentidos sobre o passado e o presente da comunidade.

Ao dialogar com a perspectiva de Rüsen (2010), essa proposta evidencia que o conhecimento histórico permite ao indivíduo orientar intencionalmente sua vida e suas ações no tempo, articulando diferentes temporalidades de modo significativo. Essa capacidade de atribuir sentido temporal à experiência humana define a consciência histórica, cuja formação é central no ensino de História. Assim, o instrumento pedagógico não se limita a um exercício de preservação, mas constitui-se como um espaço de proposição e ação simbólica, no qual os estudantes elaboram novas leituras sobre o patrimônio e fortalecem o vínculo entre história, identidade e experiência vivida.

## **Considerações finais**

Pedagogicamente, espera-se que o conteúdo didático inspire práticas educativas que fortaleçam vínculos dos estudantes com o território, promovam a valorização da diversidade cultural e contribuam para a formação de uma consciência crítica sobre os processos históricos que moldam o município de Ijuí. O material foi concebido como proposta

aberta, passível de adaptação, ressignificação e ampliação, conforme vivências concretas das escolas e sujeitos que delas participam.

A inserção da Educação Patrimonial na prática docente contribui para romper com uma lógica de ensino descolada da realidade local, valorizando saberes, memórias e símbolos presentes no cotidiano dos alunos. A criação de recursos didáticos contextualizados potencializa a aprendizagem histórica a partir da sensibilização para a diversidade étnica, cultural e social do município.

Este instrumento educativo aproxima os estudantes da História Local, articulando os princípios da Educação Patrimonial a práticas pedagógicas críticas e contextualizadas. Ao apresentar os bens culturais de Ijuí como construções sociais atravessadas por múltiplas identidades, promove-se uma compreensão ampla e significativa do patrimônio, conectando-o à experiência cotidiana dos alunos.

Portanto, o conteúdo didático assume caráter formativo e propositivo, convidando o professor a atuar como mediador de processos reflexivos que estimulem os estudantes a reinterpretar o passado, relacioná-lo às próprias vivências e refletir sobre seu papel como sujeitos históricos. Ao incluir diferentes agentes históricos, como povos indígenas, africanos e seus descendentes, luso-brasileiros e colonos, o material promove uma visão plural da história local, incentivando a análise das relações de poder, da construção de hierarquias sociais e das escolhas que moldam as memórias coletivas. Essa abordagem crítica evita a reprodução de visões ufanistas ou idealizadas da história, ressaltando que a memória e o patrimônio cultural são construções sociais, passíveis de disputa, revisão e ressignificação.

Deste modo, a história de um lugar não se expressa apenas nos livros ou nos relatos orais, mas também na materialidade dos espaços que o constituem. Como afirma Paulo Freire (1996, p. 45), “há uma pedagogicidade indiscutível na materialidade do espaço”, evidenciando o potencial formativo do território e das experiências vividas. Essa concepção dialoga diretamente com os princípios da Educação Patrimonial, transformando o olhar sobre o espaço vivido em prática pedagógica crítica, reflexiva e socialmente comprometida.

Ao reconhecer a dimensão educativa dos lugares e das memórias que compõem Ijuí, a cartilha didática reafirma o papel do professor como agente cultural e formador de consciências históricas. Dessa forma, consolida-se como estratégia de mediação cultural e ferramenta de formação de sujeitos

participativos, capazes de compreender criticamente o patrimônio cultural e atribuir novos sentidos à história do lugar onde vivem.

## Referências

BRASIL. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). **Educação patrimonial: orientações ao professor** (Caderno Temático 1). João Pessoa: Premier, 2011. Disponível em: [http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/EduPat\\_EducPatrimonialOrientacoesAOProfessor\\_ct1\\_m.pdf](http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/EduPat_EducPatrimonialOrientacoesAOProfessor_ct1_m.pdf). Acesso em: 17 jul. 2024.

BRASIL. Lei nº 9.394. **Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Brasília: MEC, 1996. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/19394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm). Acesso em: 20 abr. 2024.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018. Disponível em: [https://www.gov.br/mec/pt-br/escola-em-tempo-integral/BNCC\\_EI\\_EF\\_110518\\_versaofinal.pdf](https://www.gov.br/mec/pt-br/escola-em-tempo-integral/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal.pdf). Acesso em: 20 abr. 2024.

BRASIL. Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais: História**. Brasília: MEC/SEF, 1998. Disponível em: <https://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro051.pdf>. Acesso em: 17 jul. 2024.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

HORTA, M. de L.; GREENBERG, E.; MONTEIRO, A. Q. **Guia Básico de Educação Patrimonial**. Brasília: IPHAN/Museu Imperial, 1999. Disponível em: [http://portal.iphan.gov.br/uploads/temp/guia\\_educacao\\_patrimonial.pdf](http://portal.iphan.gov.br/uploads/temp/guia_educacao_patrimonial.pdf). Acesso em: 20 jun. 2024.

MACHADO, M. B. P.; MONTEIRO, K. M. N. Patrimônio, identidade e cidadania: reflexões sobre Educação Patrimonial. In: BARROSO, V. L. M. et al. (org.). **Ensino de História: Desafios Contemporâneos**. Porto Alegre: EST, Exclamação, ANPUH/RS, 2010. p. 25-37. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/163894/000757416.pdf>. Acesso em: 11 jan. 2025.

RÜSEN, J. **Razão histórica: teoria da história: fundamentos da ciência histórica**. Tradução de Estevão de Rezende Martins. Brasília: Editora UnB, 2010.